



<b>Veículo: O Liberal</b>		
<b>Data:</b> 21/11/2017	<b>Caderno:</b> Atualidades	<b>Página:</b> 07
<b>Assunto:</b> Consciência Negra		
<b>Tipo:</b> Notícia	<b>Ação:</b> Espontânea	<b>Classificação:</b> Positiva

## Brasil: desigualdade e violência têm cor

### LUTA

## Dia da Consciência Negra é celebrado como combate ao preconceito no País

Da Redação

No Dia da Nacional Consciência Negra, celebrado ontem, os indicadores ainda mostram que a desigualdade e a violência no País têm cor. O Atlas da Violência 2017, lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em junho passado, revela que homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no País.

A população negra corresponde à maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. Atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Ainda de acordo com informações do Atlas, os negros possuem chances 23,5% maiores de se-

rem assassinados em relação a brasileiros de outras raças, já descontado o efeito da idade, escolaridade, sexo, estado civil e bairro de residência.

Mas a data é também de combate a essa realidade. Escolhida por coincidir com o dia da morte de Zumbi dos Palmares, uma das principais lideranças negras da história do Paíshá, 322 anos, tornou-se símbolo de reafirmação da luta pela igualdade e luta contra o preconceito. Para o movimento negro, 20 de novembro é dia de festejar a tomada de consciência do que é ser negro no Brasil.

Um dos principais problemas que afetam os negros no Brasil e no Pará é a discriminação racial. "Quando eu morava na comunidade quilombola Mangueiras, no município de Salvaterra, em Soure, na ilha do Marajó, eu não sentia muito preconceito, mas quando me mudei para Belém passei a sentir bastante preconceito. Quando vou andando na rua, percebo que as pessoas quando me vêem atravessam a rua, porque

pensam que vou roubá-las. Ou se estiverem falando ao celular elas deixam de fazer, me olham diferente e guardam o aparelho. Isso até acontecia pelos corredores da universidade e geralmente quando eu estava sozinho. Mas quando eu estava com meus amigos brancos isso praticamente não ocorria. Antes eu me importava mais com essa situação constrangedora e cheguei a conversar com algumas pessoas para dizer que nem todo negro é ladrão, mas hoje eu ignoro e não me abalo, não, porque tenho mais informações sobre o preconceito", disse Wilson Barbosa, 22 anos, estudante do segundo semestre do curso de Engenharia da Computação na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Débora dos Santos da Silva, 18 anos, da comunidade quilombola Igarapé Preto, em Baião, sudoeste do Pará, também participou ontem das diversas atividades realizadas na UFPA. Ela também sempre enfrenta preconceitos. "Ser negra no Brasil ainda é muito difícil, porque existe muito racismo. Sempre me dizem que preciso alisar meu cabelo, que não fico bonita desse jeito, fa-



lam da minha cor. Até pessoas negras reproduzem isso e não se assumem que são quilombolas. Eu me assumo, gosto da minha raiz, do meu cabelo, da minha cor e dos meus traços, e acho isso importante porque me faz sentir liberta. Enfrento esses problemas como estudante e sei que também os terei na vida profissional. Contudo, hoje é mais fácil lidar com isso e partir para a luta e para o enfrentamento. Acho que aprendi a ser assim com meus pais, que sempre me incentivavam a me assumir como sou”, afirmou Débora, também estudante de graduação da UFPA.

As estatísticas sobre os jovens brasileiros provocaram o surgimento, há seis anos, na UFPA do projeto Cartografia da Cultura Afro Brasileira Indígena, de intervenção pedagógica. “O projeto trabalha a questão curricular na Escola de Aplicação da Universidade, no bairro da Terra Firme, com nove disciplinas que desenvolvem temas voltados à educação relacionada a temas étnico-raciais. Este ano tivemos estudos sobre a violência com a mulher negra, as comunidades quilombolas, o surgimento do carnaval e a cultura negra presente nas escolas de samba”, explicou a professora de História Antônia Brioso, autora do projeto, hoje coordenado pelo professor Eduardo Wagner.

Segundo ela, o projeto é voltado para uma política afirmativa. “A gente não vê a presença negra no Pará e no Brasil, somente a partir da escravidão. O negro contribui para nossa formação e está presente na nossa forma de curar, de pensar, no nosso corpo. É uma cultura que está inserida e foi muito negada no Brasil. Essas estatísticas revelam que há extermínio da juventude negra e o projeto é muito importante, porque estamos inseridos em área de periferia. Ali é uma realidade gritante e precisávamos intervir”, completou.

FOTOS: CLÁUDIO PINHEIRO/OLIBERAL



A estudante **Débora dos Santos da Silva** e a professora **Antônia Brioso**: luta contra a discriminação na universidade

